

Uma grande feira de arte toma conta de Paris

LEONOR AMARANTE
Enviada especial

PARIS — Desorganização, falta de espaço, discussão entre os artistas, propostas bem computadas, algumas já conhecidas de outras mostras internacionais marcam a XI Bienal dos Jovens de Paris, inaugurada ontem na capital francesa e que acontece simultaneamente no Museu de Arte Moderna de Paris, no bairro do Trocadero, e no Centro Georges Pompidou, no Marrais.

Das engenhocas barulhentas ao neo-realismo, dos objetos móveis às *primary forms*, da reconstrução de um enorme inseto às performances, a Bienal dos Jovens de Paris é, antes de tudo, uma grande feira de arte, onde prevalecem os interesses das galerias, dos museus e dos *merchants* internacionais.

Para quem acompanhou a montagem da Bienal de Paris, especialmente no Museu de Arte Moderna, com certeza ficou a impressão de que ela jamais ficaria pronta a tempo. Por quase uma semana a confusão foi geral. O mau humor e o cansaço tomou conta dos artistas, organizadores e montadores (alguns, recrutados de última hora, estavam absolutamente perdidos). Entre eles havia pedreiros, estudantes de história, médico homeopata, velejador e artistas que não conseguiram entrar na mostra. Com um salário fixo de 2.400 francos (quase 35 mil cruzeiros) por 15 dias eles se consideravam semi-escravos, com uma carga de trabalho que nos últimos dias chegou a 22 horas. Do ponto de vista técnico faltava tudo, um martelo, um prego, uma lata de tinta, eram disputados e conseguidos depois de muita discussão. Não havia funcionários especializados para ajudar os artistas, como existe na Bienal de São Paulo. Os artistas que chegavam ao MAM parisiense na última hora tinham uma surpresa: não havia o espaço solicitado por eles nos projetos enviados à Bienal, com alguns meses de antecedência. A situação chegou a tal ponto que o artista venezuelano Milton Becerra, cujo trabalho exigia mais de sete metros quadrados, não teve outra alternativa senão expor do lado de fora, na calçada em frente da Bienal. "A princípio cheguei a pensar que seria interessante ficar na frente do prédio, mas depois percebi que

o meu trabalho se transformou num depósito de lixo". Com uma vassoura Milton Becerra tentava limpar seu espaço pela terceira vez naquele dia. Muito aborrecido, pensava em deixar a Bienal.

Quem não aguentou o primarismo da organização parisiense foram os artistas belgas. J. Wille e A. Pepermans, que não chegaram a montar seus trabalhos por falta de espaço. Eles permaneceram durante a pré-inauguração para a imprensa com um adesivo na boca, em forma de protesto. Ao ser entrevistado J. Wille declarou que jamais participará de outra Bienal: "Marquei para amanhã uma reunião com todos os artistas para debater mais a falta de liberdade desta mostra", informar.

Enquanto no Museu de Arte Moderna a confusão era generalizada, no Centro Georges Pompidou a montagem, também atrasada, se processava de forma mais organizada. O artista brasileiro José Rezende, o único brasileiro que participa oficialmente da Bienal, ganhou um bom espaço no Pompidou para as suas dez esculturas. Os outros dois brasileiros Cláudio Tozzi e Luís Gregório Corrêa participarão de uma manifestação paralela à Bienal, na Galeria Debret. Com inauguração marcada para a próxima quarta-feira, Cláudio Tozzi apresentará trabalhos da série "Papagália", e Gregório, aquarelas e desenhos de sua fase recente. Carmela Gross, outra artista brasileira que deveria participar da mostra, se recusou a expor na Galeria Debret, que pertence ao governo brasileiro.

Mesmo com a ajuda de algumas embaixadas, especialmente a da Alemanha, que segundo os artistas franceses investiu muitos dólares, a crise financeira que atinge todas as bienais internacionais também chegou à Bienal Jovem de Paris. E ao saber dos rumores de que a XII Bienal estaria ameaçada, Georges Boudaille, que dirige a Bienal desde 1975, um tanto irritado e irônico declarou: "Eu deixo a palavra com Jacques Chirac, o prefeito de Paris, que prometeu lutar pela continuidade desta mostra".

Georges Boudaille, que durante a montagem desta Bienal não mediu esforços para explicar à imprensa os pro-

blemas que a Bienal enfrentava, criou algumas novidades para esta mostra. Uma delas foi a seção de cinema experimental, da qual participam mais de 80 cineastas de dez países. Dominique Noguez, que fez parte da comissão de seleção dos filmes, afirmou que a presença do cinema experimental nesta bienal tem um papel importante, porque hoje há um florescimento das idéias desenvolvidas nos anos 20 e 30 pelos mestres Francis Picabia, Pablo Picasso, Jean Cocteau, René Clair, Marcel Duchamps, entre outros.

Assim como o cinema experimental, a fotografia também começa a ter importância nas grandes mostras internacionais. Dezenas de fotógrafos estão reunidos numa grande coletiva. Carole Naggar, que pertence à comissão de seleção, explicou que esta é talvez a primeira vez que um grupo representativo de novos valores se apresenta numa exposição deste porte.

Nesta grande feira de arte a qualidade dos vídeos feitos por artistas ainda desconhecidos do público é considerada por alguns críticos de alto nível técnico e criativo. Em conjunto eles superam algumas mostras internacionais de vídeo, onde sempre estão presentes os papas desta forma de expressão. Para Pierre Restany, crítico francês, o grande problema do vídeo é que os artistas não dominam a linguagem do cinema. "Por isso mesmo não sabem dividir o tempo e nem a duração de uma ação. Isso às vezes os tornam excessivamente monótonos."

Quem dividiu na atenção do público no dia da pré-inauguração da Bienal parisiense foi o artista irlandês Nigel Orolfe, que ficou nu por mais de meia hora, no Centro Georges Pompidou, durante sua performance sobre uma tenda de vidro. Já no Museu de Arte Moderna a performance que mais chamou atenção foi a de um grupo francês que representou a morte da Bienal, por afogamento, um *mis-en-scène* tradicional presente em todas as bienais internacionais. Na verdade, apesar desta mostra tentar reunir uma vanguarda mundial depois dos anos 60, com a participação de Rauschenberg, Christo e do Grupo Grav, nada de novo acontece nesta Bienal dos "Jovens" de Paris.

